

## **DIÁLOGO SOBRE A POSSIBILIDADE UMA DISCUSSÃO FILOSÓFICA SOBRE O DETERMINISMO E AS POSSIBILIDADES**

**Resumo:** O objetivo deste artigo é ser uma introdução aos diversos tipos de possibilidades e mostrar o caminho que a discussão sobre a existência de possibilidades não-atuais deve seguir a partir da aceitação do determinismo. E essa discussão é relevante porque sua resposta tem bastante influência em nossos pensamentos e lógicas sobre as modalidades da necessidade e da possibilidade. Cumprimos tal objetivo através de um diálogo a respeito das possibilidades. Este formato de texto tem a vantagem de ser mais pedagógico do que os ensaios em terceira pessoa, pois insere o problema filosófico das possibilidades em uma situação real particular sem que a generalidade do assunto e dos argumentos seja perdida.

**Área do Conhecimento:** Filosofia. Metafísica.

**Palavras-Chave:** Determinismo. Possibilidades Não-Atuais. Tipos de Possibilidades.

**Pedro:** Ah, meu amigo... Estou sofrendo pelo amor de uma moça. Ela me despreza, faz de conta que não me vê quando passo, e ainda parece fazer chacota de mim com suas amigas... Quando eu disse minha intenção, a de possuir seu amor, ela me disse que eu não era o único. E, além disso, não estava entre aqueles de sua preferência, de modo que era uma perda de tempo minha querê-la. Mas sabe de uma coisa, acho ainda *possível* que ela me queira. Não sei, ela *pode* estar apenas me testando.

**João:** Realmente é muito triste quando queremos estar com uma pessoa, mas não somos correspondidos... E é pior ainda quando, além de não ligarem para nossos sentimentos, ainda nos fazem chacota. Compartilho de sua dor, meu amigo. Já passei diversas vezes por situações como essa. Mas, meu nobre companheiro, o que você quer dizer com essa indicação de possibilidade? O que você quer dizer com “é possível que ela me queira?” Ou ainda, o que você quer dizer quando você diz que ela *pode* estar te testando?

**Pedro:** Mas você é um grande amigo mesmo; nesse momento de tristeza você vem me consolar com uma boa discussão filosófica! – Então, você quer saber o que quero dizer com “possibilidade”?

**João:** Sim, pois de fato, parece-me que ela só pode estar te testando, se ela estiver te testando. Não sei como fazemos para descobrir se ela está te testando mesmo, mas ela está ou não está. E parece-me que ela só poderá futuramente te querer, se isso realmente for acontecer. Assim, penso que você não precisa se sentir tão mal... Pois vai acontecer uma determinada coisa, acredite você que ela é possível ou não. Sobre sua amada, assim como sobre o funcionamento do resto do mundo, só é possível o que de fato ocorreu, ocorre ou ocorrerá.

**Pedro:** É bem simples. O que quero dizer com essa asserção de possibilidade é que não é uma coisa impossível de acontecer na realidade que a moça goste de mim, dado o modo como o mundo é. E digo ainda que mesmo que ela nunca goste de mim, não deixa de ser uma coisa possível ela gostar.

**João:** Hum... Não é impossível dado o modo como o mundo é? Isso parece estar se tornando um pouco confuso. Vejamos: dado o modo como o mundo é e dadas todas as coisas que acontecem no mundo, existiram causas que fizeram sua amada estar agindo da forma que está. Assim, dado o modo como o mundo é, parece-me impossível e até absurdo que ela tenha atitudes diferentes. Ações são determinadas por motivos e motivos são determinados por outras causas. Como ela poderia ter tido outras causas de formação de motivos e, conseqüentemente, outros motivos e outras ações? Penso que não é coerente pensarmos que ela poderia ter te querido; entretanto, penso viável pensar que ela poderá te querer. Assim, ela poderá futuramente te querer; mas só se ela for determinada a isso por certos motivos e causas. O que, de fato, espero que aconteça, pois desejo seu bem estar.

**Pedro:** Obrigado, meu caro! Sei que me prezas. Mas voltado ao assunto, acredito que não estou equivocado quando digo que algo é possível. O que busco dizer com “é possível” é o seguinte: dado aquilo que é minha amada e dado aquilo que sou eu, nós somos objetos que podem se relacionar, mesmo que nunca nos relacionemos. Por outro lado há coisas que não são possíveis, um exemplo seria a minha amada se apaixonar por um chinelo de quarto, tal qual se apaixonaria por um humano.

**João:** Nobre amigo, se é realmente isso que você quer dizer, então não me parece um problema aceitar que é possível que ela se apaixone por você. A possibilidade sobre a qual você está agora falando não é uma possibilidade tão específica quanto você pensa. Quando você fala que você e sua amada são dois objetos, digamos, compatíveis, isso não é em função de uma compatibilidade específica entre você e ela. É em função de uma compatibilidade entre seres da espécie humana. Nesse sentido de possibilidade, é tão possível que sua amada se apaixone por você, quanto é possível que ela se apaixone por qualquer outro ser humano. Dessa forma, se você realmente quer dizer o que acabou de afirmar sobre a possibilidade de ela se apaixonar por você, então você só queria dizer que ela tem a propriedade de se apaixonar por seres da mesma espécie. E isso não parece muito bem o que você queria dizer; estou certo?

**Pedro:** O que quero dizer é: propriedades e possibilidades estão, de alguma forma, conectadas. Quando digo que é possível que aconteça algo a um determinado objeto, quero dizer que as propriedades desse objeto permitem, ou tornam real a

possibilidade de, que aconteça esse algo a tal objeto, mesmo que esse algo nunca ocorra. Um exemplo seria falarmos do jogo de cara ou coroa. Dizemos que as únicas possibilidades de resultado do jogo são de dar cara ou coroa. O fato de ter dado cara em uma determinada jogada não anula a possibilidade de cair em coroa. Do mesmo modo acontece com minha amada: mesmo que ela nunca me queira, isso não é capaz de tornar impossível que ela me queira.

**João:** Acredito que haja uma certa confusão em seus termos. Precisamos ter em mente a distinção entre a possibilidade que apenas tem a ver com objetos e a possibilidade que trata dos eventos. As possibilidades de um objeto são tais que permitem que o adjetivemos. Ou seja, quando falamos que uma árvore tem a possibilidade de ser cortada, e estamos falando das propriedades da árvore, estamos apenas dizendo que ela é cortável. Como para algo cortável ser cortado, precisa ocorrer um evento que o faça ser cortado, somos tentados a dizer que a possibilidade do objeto – a de ser cortável – implica a possibilidade do evento. Porém, a possibilidade do objeto não tem essa implicação. Penso que conhecemos as potencialidades de eventos, e não sua possibilidade, a partir de algumas premissas: conhecemos a potencialidade de sua amada se apaixonar por seres da mesma espécie; conhecemos a potencialidade de você se apaixonar por seres da mesma espécie; logo, conhecemos a potencialidade do estado de coisas de sua amada e você se apaixonarem.

**Pedro:** Então, você concorda comigo?!

**João:** Sim, eu posso concordar com você. Mas isso seria simplesmente dizer que dada as propriedades de compatibilidade de cada uma das coisas, há coisas que são de tipos compatíveis e há coisas específicas que são, por isso, compatíveis. Todavia, repara. Isso ainda não é afirmar que um evento é realmente possível; é só afirmar alguma coisa sobre a compatibilidade das coisas. E sua intenção me parecia, antes, a de dizer que certo evento (o de sua amada se apaixonar por você) seria possível. Dizer que há uma propriedade de compatibilidade entre objetos de um estado de coisas não é afirmar que um evento é possível. O fato de, assim como um objeto, um estado de coisas ter uma adjetivação não indica a possibilidade de ocorrência de diversos eventos. Quando você fala que o jogo de cara-ou-coroa tem a propriedade de nele a moeda jogada sair cara ou coroa, você não está falando que quando você a joga é possível que saia cara e é possível que ela saia coroa. Dada a força que você irá jogar a moeda, dada a resistência do ar, dado o momento que você irá pegar a moeda, etc, a moeda sairá um dos dois e só teria sido possível que ela saísse no que saiu, dadas as causas anteriores, que são causas suficientes para determinar o evento. Ainda assim, o jogo não deixaria de ter essa regra. Afirmar que mesmo havendo causas anteriores suficientes para a ocorrência de um evento, ele poderia não ter ocorrido, é assumir uma tese indeterminista com relação à causalidade, ou seja, é dizer que algo pode ocorrer sem que tenha havido nenhuma causa. Assim, ainda que o estado de coisas seja tal que compatibilize você e sua amada, por que você acha que o evento singular de sua amada se apaixonar por você é realmente possível?

**Pedro:** Primeiramente, acredito ser algo plausível inferir das propriedades dos objetos as propriedades dos eventos; na medida em que os objetos são constituintes

dos eventos, as propriedades dos objetos também constituem os eventos formando as propriedades deles. Como você concorda, as propriedades dos objetos permitemos adjetivá-los e do mesmo modo permite que adjetivemos também os eventos - e isso é o que chamo de possível. Quando digo “é possível que uma dada árvore seja cortada” quero dizer que dada a propriedade da árvore de ser cortável e dado que as propriedades de um humano permitem que ele corte a árvore, então o evento “cortar a árvore” não é um evento impossível ou absurdo, ou uma combinação absurda de objetos, ou ainda um estado de coisas impossível. Porém, dadas as propriedades da árvore, é impossível ou absurdo que ela voe; o que seria uma combinação ou um estado de coisas absurdo. O mesmo ocorre com o exemplo da moeda e também com o caso de minha amada: no primeiro é possível que caia cara ou coroa, mas é impossível que caia outra coisa; no segundo, é possível que a minha amada me ame, mas não é possível que ela ame a um chinelo de quarto. E olha uma coisa, defendendo estas teses mesmo que o determinismo clássico esteja correto – ele não pode ser usado contra essa tese! O que quero dizer com isso é que mesmo que os eventos sejam completamente determinados por causas anteriores e mesmo que um certo evento nunca ocorra, ele ainda sim é possível, se não for absurdo. O que precisamos aqui é fazer uma distinção daquilo que é fisicamente possível daquilo que é metafisicamente possível.

**João:** Mas como seria esta distinção?

**Pedro:** É o seguinte. O que é fisicamente possível parece ser aquilo que pode se seguir das leis da natureza mais as condições iniciais em que se encontram um dado objeto e suas propriedades. Nesse caso, se o determinismo está correto, segue-se que a única coisa possível é aquilo que se dá na realidade. Por outro lado, o que é possível metafisicamente é aquilo que, dadas as propriedades dos objetos e as leis da natureza, é possível ou seria possível que acontecesse, se as condições iniciais fossem diferentes; assim a possibilidade metafísica parece não estar restrita ao âmbito do mundo em ato, ou do mundo atual. Nota-se que a possibilidade física, segundo essa concepção, é também uma possibilidade metafísica. Podemos destacar ainda um terceiro tipo de possibilidade, que seria a possibilidade lógica ou epistêmica; esta é uma possibilidade mental, isto é, possibilidade que se dá na mente, como parecem ser as possibilidades da árvore de nosso exemplo voar ou de minha amada amar um chinelo de quarto. É claro que algumas das possibilidades lógicas ou epistêmicas não são puramente mentais, mas são também possibilidades físicas e metafísicas. Por exemplo, a possibilidade de minha amada me amar pode ser uma possibilidade física, mas se não for, ela é pelo menos uma possibilidade metafísica e também uma possibilidade lógica.

**João:** Como você parece não ter problemas em concordar, acredito que o determinismo é verdadeiro. E se é assim, então as propriedades dos objetos devem ser vistas como potencialidades que se efetivam quando as causas para a sua efetivação se apresentam. Se isso é assim, então as propriedades das coisas não geram possibilidades não-atuais para os eventos; elas fazem que apenas um, e não outro, evento seja possível. E isso faz com que o mundo no tempo seja uma cadeia causal de eventos. Se dois eventos fossem igualmente possíveis, como poderia ocorrer um e não outro, dado que pressupomos o determinismo e a nossa noção de propriedade como verdadeiras? Assim, adjetivar uma coisa é simplesmente falar de uma potencialidade. O

que penso, dados os termos explicitados por você, é que o que é fisicamente possível é o que é metafisicamente possível. E, se pensarmos na necessidade física como o que se segue das leis da natureza e na necessidade metafísica como aquilo que, dada a natureza do mundo, não poderia deixar de ser daquela forma, diríamos também que o fisicamente possível tem a mesma extensão do que é fisicamente necessário, e que o fisicamente necessário é o mesmo que o metafisicamente necessário. Daí, eu simplesmente distinguiria essas modalidades da nossa conversa sobre potencialidades. Pois quando falamos desse tipo de modalidade relativa, na intenção de encontrar a modalidade absoluta, estamos tentando encontrar o que é realmente possível; e, se nos perguntarmos tal coisa, deveremos dizer que o que é realmente possível é aquilo que realmente acontece e o que é implicado pela cadeia causal de eventos que forma o nosso mundo, pois apenas as causas desses eventos se mostram presentes em tal cadeia. Dessa forma, volto novamente a falar que o que é metafisicamente possível é metafisicamente necessário, fisicamente possível e fisicamente necessário. Por exemplo, se tomo um estado de coisas, com uma certa árvore e um certo homem, tendo a árvore propriedade de ser cortada caso as causas para tal se apresentem – ou seja, é cortável – e o homem a propriedade de cortar árvores caso as causas para tal se apresentem, o que será fisicamente ou metafisicamente possível, se tais causas se apresentarem, será que o homem cortará a árvore. Mas se essas causas não tivessem ocorrido, não era realmente possível nem fisicamente possível que ocorressem, embora fosse o que podemos chamar de “potencialmente possível” que as propriedades de X e Y se efetivassem. Na verdade, ter uma propriedade significa ter uma potencialidade. Somente se definíssemos “fisicamente possível” como aquilo que não é impossibilitado pelas leis da natureza, poderíamos identificar o fisicamente possível com o potencialmente possível. Entretanto, prefiro sua definição, pois me permite igualar as possibilidades e necessidades físicas e metafísicas e falar separadamente das potencialidades. Sobre a possibilidade lógica, também a vejo como epistêmica, embora o que seja metafisicamente possível também seja uma possibilidade lógica. Sobre as potencialidades, as vejo como metafísicas, mas não como possibilidades. O estudo das potencialidades é um estudo da natureza das coisas sem as pensar dentro do tempo ou um estudo para ajudar o mecanismo de probabilidade (como as possibilidades lógicas), mas não um estudo das possibilidades reais.

**Pedro:** Meu caro; de fato acredito que as coisas são determinadas, mas acredito também que é preciso dar um bom argumento a favor do determinismo: ele não é obviamente verdadeiro! Mas aparte isso, tendo a não concordar com você quanto à idéia de que as modalidades físicas e metafísicas são uma só modalidade. Parece que isso não capta aquilo que normalmente queremos dizer com “possibilidade”. A mim parece que o queremos dizer com tal termo é aquilo que estamos chamando de potencialidade, ou seja, o fato das propriedades de um dado objeto, ou estado de coisas, permitirem que aconteçam certos eventos, dada as condições anteriores. Por exemplo, sei que: dada as potencialidades de minha amada, é possível que ela me queira. Assim, dado isso, posso tentar efetivar esta potencialidade, fazendo que das condições determinadas por mim se sigam aquilo. Posso tentar convencê-la de vários modos, que não cabem aqui enumerar. Mas se eu constatasse alguma impossibilidade de acontecer isso, não me moveria na tentativa de efetivar aquelas potencialidades. No exemplo da árvore: um certo homem somente vai cortar uma certa árvore, se este tiver

em mente que é possível cortar aquela árvore; de modo que a possibilidade de cortar a árvore é algo determinante no fato de as condições se efetivarem. A mim parece que essa noção de possibilidade capta aquilo que queremos dizer quando falamos que algo “é possível”. E, em relação a nós – agentes cognitivos – o conhecimento de tais possibilidades nos permite ser parte das condições determinantes de uma ação. Se de fato é isso que queremos dizer com “possibilidade”, eu gostaria de identificá-la com a possibilidade metafísica, que seria aquilo que é possível, mesmo que nunca venha a ser o caso (minha amada me querer, a árvore ser cortada, etc.). Por outro lado, a possibilidade física, para nós deterministas, seria de fato aquilo que se dá, o que não poderia ser de outro modo dada todas as condições anteriores. Tenho que concordar com você que em parte a possibilidade metafísica não pode estar no tempo de todo, mas penso que somente em parte, isto é, ela não pode estar completamente fora do tempo. Por exemplo, minha amada só pode apaixonar-se por mim durante o tempo em que vive, ou árvores podem ser cortadas enquanto há árvores para serem cortadas e entidades que as cortem.

**João:** Hum... Eu acredito que você tem razão: falta dar um bom argumento pelo determinismo. Mas acredito que se o fizer, você não poderá manter que as potencialidades das coisas sejam ‘possibilidades’ metafísicas. Meu argumento é o seguinte: se aceitamos que as propriedades são potencialidades que se efetivam quando as causas para a sua efetivação ocorrem, então para pensarmos em possibilidades não-atuais, ou seja, para pensarmos em possibilidades que não estão no passado, no presente ou no futuro do mundo, teremos que pensar que as causas que efetivaram uma potencialidade poderiam ter sido outras. Mas se pensarmos tal coisa, teremos que assumir que as causas dessas causas teriam que ter sido outras, e assim por diante, até as condições iniciais do mundo, as quais diríamos que teriam que ter sido diferentes para que a possibilidade não-atual de nosso exemplo se efetivasse. No entanto, ao chegarmos nas condições iniciais, veremos que elas não poderiam ter sido diferentes, pois “ter sido diferente” indica que se tem causas diferentes; e se falamos de causas de condições iniciais, então não falamos realmente de condições iniciais. Por isso, as condições iniciais não poderiam ter sido diferentes, e assim também tudo que se seguiu na cadeia causal que forma o nosso mundo – nada poderia ter sido diferente! Entretanto, embora nada poderia ter sido diferente e nada poderá ser diferente de como está determinado, potencialidades existem... São elas que permitem que o mundo seja determinado. E, concordo com você, as potencialidades são algo de metafísico. Contudo, elas não são possibilidades metafísicas, pois elas não são “possibilidades”. A potencialidade, ou a relação de potencialidades, é apenas uma característica daquilo que chamamos de “propriedade”. Normalmente falamos de potencialidades como se fossem possibilidades, mas as possibilidades não-atuais são cortadas pelo determinismo; as potencialidades são apenas um estudo da natureza, poderíamos chamá-las de “potencialidades metafísicas”. É claro que não pode ser um estudo completamente fora do tempo, mas é um estudo que não leva em conta as relações entre as coisas ocorrendo no tempo; ele pensa apenas as propriedades (suas potencialidades) em relação com outras potencialidades, sem levar em conta as causas que determinaram a possibilidade da potencialidade se efetivar. Além disso, penso que o vocabulário dos mundos possíveis, que normalmente usamos em Filosofia para falar de possibilidades, poderia ser bem usado ao falarmos de potencialidades. Assim, concordo com você que quando

falamos “é possível” normalmente queremos dizer alguma coisa sobre potencialidades; mas discordo que isso capte sempre nosso discurso. Quando afirmamos alguns tipos de contrafactuais, queremos falar que eventos poderiam ter sido diferentes; e isso a noção de potencialidade não capta.

**Pedro:** Tudo bem. Admitindo isso, quer dizer que quando falamos de possibilidade física e possibilidade metafísica (como também as duas formas de necessidade) estamos falando da mesma coisa, teríamos então que ter uma modalidade que diga que tipo de possibilidade é essa potencialidade. Ao que me parece, seu discurso implica que ela seja uma mistura de possibilidade lógica e possibilidade metafísica: ela é lógica na medida em que é mental (quando não se efetiva a potencialidade) e metafísica quando se efetiva. Teríamos assim de admitir algo bastante estranho. Por exemplo, quando eu digo que é possível que eu morra se caio da Torre Eiffel, isso será apenas logicamente possível, se tornando metafisicamente possível somente se vou a Paris e caio, de fato, da torre. Parece que isso exige uma explicação.

**João:** Sim, sim... Claro. Isso merece uma explicação. O que estamos chamando de potencialidade de uma coisa é parte de uma propriedade de uma coisa. Essa propriedade, e conseqüentemente a potencialidade, é metafísica. As relações que formamos entre essas potencialidades, como “é possível que eu serre esta árvore”, são possibilidades lógicas formadas a partir das propriedades metafísicas das coisas. Assim, se você diz que é possível que você morra se cair da torre Eiffel, você ou está falando sobre uma propriedade metafísica que você tem (de morrer quando cair de um lugar muito alto) ou você está falando de uma possibilidade lógica que você forjou a partir das suas propriedades metafísicas e as da Torre Eiffel. Com o caso da torre Eiffel, você apenas estaria falando que caso as causas para a efetivação da potência de você morrer ocorressem, você morreria. Ser possível você cair da torre Eiffel e morrer não se torna metafisicamente possível se você for lá, cair e morrer. Isso é ou não é metafisicamente possível desde o início de todas as coisas. Como o ponto de determinação primeiro são as condições iniciais, desde as condições iniciais já é ou não é metafisicamente possível você cair da torre Eiffel e morrer.

**Pedro:** Mas então como vamos chamar essa possibilidade de potencialidades? Talvez possamos dar um nome tal qual “possibilidade lógico-metafísica”? Não me parece ser necessário isso, não precisamos de outra modalidade. Veja. Temos todos que concordar (sendo deterministas ou não) que há três tipos de possibilidades. Uma delas é a possibilidade meramente lógica, que concordamos que não se dão na realidade, ou não é o caso de acontecer na realidade; por exemplo, minha amada amar um chinelo de quarto. Por outro lado, há aquele tipo de possibilidade que é acarretada por aquilo que estamos aqui chamando de “potencialidades”; estas não precisam se dar na realidade, sendo ainda sim reais. Minha amada me amar na atual situação parece ser um tipo dessa possibilidade. E por fim, temos a possibilidade que, enquanto deterministas, buscamos entendê-la como a única coisa possível de se dar. Isto quer dizer que somente será possível que minha amada me ame se ela de fato me amar. Parece não haver aqui nenhum outro tipo de possibilidade, o que me leva a pensar como desnecessária a cunhagem de outro conceito – acredito que fazer conceitos não é coisa para filósofos, devemos antes esclarecer aqueles conceitos já existentes! Como eu já

propos e ainda acredito ser plausível propor, chamo aquela primeira possibilidade de “lógica” ou “epistêmica”, a segunda de “metafísica” e a terceira de “física”.

**João:** Qual delas é a que nos referimos quando estamos falando de que algo é realmente possível? Ou melhor: qual delas é a possibilidade real?

**Pedro:** A minha resposta é simples: as possibilidades físicas e metafísicas são reais; porém, quando dizemos que algo é possível, estamos falando da possibilidade metafísica. Esta parece ser o guia de nossas ações refletidas, na medida em que nos mostra aquilo que é ou não é absurdo de se dar na realidade. Quanto à noção de condição inicial, não me parece que devemos considerá-la importante em relação à possibilidade metafísica, mas sim em relação à possibilidade física. Quando consideramos a possibilidade metafísica, não estamos querendo saber aquilo que vai se dar, dado tudo que até agora tem acontecido – o que me parece o âmbito da possibilidade física – mas sim o que pode se dar, dadas as propriedades dos objetos.

**João:** Percebo que agora, nobre amigo Pedro, o senhor concorda com o que falei, mas parece ainda confuso com relação aos nomes das modalidades. Quando falamos que uma modalidade tal como a possibilidade é metafísica, queremos dizer que ela é a possibilidade real, a possibilidade que é de fato possível. Por isso, acredito que não podemos chamar as potencialidades de possibilidades, e nem devemos acreditar que das potencialidades surgem possibilidades metafísicas. Esse não é o caso, pois das potencialidades não surgem diversos eventos possíveis de acontecer, embora possamos pensar nas relações entre essas potencialidades (e isso pareceria algo como uma possibilidade lógico-metafísica); somente um evento será possível, dado um momento do tempo, as potencialidades das coisas em relação e as leis da natureza. Portanto, de possibilidade metafísica só há a possibilidade física, ainda que as potencialidades façam parte do conjunto “características metafísicas das coisas”. Podemos até chamar a potencialidade de “possibilidade”, mas isso será um idioma enganoso e, portanto, nos confundirá um pouco. Mas se as pensarmos como possibilidades, devemos pensá-las como um conjunto que contém as possibilidades metafísicas e que é contido pelas possibilidades lógicas, mas não é idêntico a nenhum deles. Mas, como eu disse, “possibilidades metafísicas”, ou seja, possibilidades reais, só as físicas: não existem possibilidades não-atuais, embora existam características metafísicas potenciais.

**Pedro:** Sim, de fato estamos concordando aqui em muitos aspectos. Porém discordamos de um ponto central: o que é a possibilidade metafísica? Como você a vê, ela é idêntica à possibilidade física, e só assim ela pode ser dita real. O problema que vejo aqui, como já disse, é a necessidade de uma quarta modalidade (lógico-metafísica), o que não parece fazer sentido. Minha posição, todavia, é de que a possibilidade metafísica não é idêntica à possibilidade física, apesar de todas as duas serem reais, enquanto a possibilidade meramente lógica não é real. Isso exclui a necessidade de uma quarta modalidade. Acredito que de modo mais restrito nossa divergência seja a seguinte: enquanto você quer que a noção de condições iniciais seja metafísica, eu a entendo como física. Isso significa que mesmo que fisicamente as condições iniciais não poderiam ser diferentes, metafisicamente isso não se dá, pois quando digo “metafisicamente”, estou falando de potencialidades e aquilo que elas permitem que aconteça, e não daquilo

que aconteceu. Dada as potencialidades das coisas, as condições poderiam ser outras, na medida em que é compatível com a realidade. Eu sei que este argumento não te convencerá, mas é nisso que acredito e não estou disposto a pensar de modo diferente, a não ser que me dê boas razões.

**João:** Meu amigo, acredito que o termo “possibilidade metafísica” está tornando nossa conversa um pouco confusa. Mas se pensarmos em “possibilidade metafísica” como algo que existe na realidade, então diríamos que tanto a potencialidade quanto a possibilidade física são objetos metafísicos. E, se pensarmos a potencialidade como um tipo de possibilidade, diríamos que tanto ela quanto a possibilidade física são possibilidades metafísicas. Afinal, as duas possibilidades existem: tudo que é fisicamente possível é uma possibilidade física e real – ou seja, metafísica – e tudo que é potencialmente possível é uma possibilidade potencial e metafísica. Entretanto, usar o termo “metafísico” dessa maneira apenas adiará um pouco mais o problema; pois o que fizemos foi tornar a possibilidade lógica, a possibilidade potencial e a possibilidade física relativas, e, por isso, o próximo passo deve ser discutirmos qual dessas possibilidades é a possibilidade absoluta, ou seja, de qual dessas possibilidades podemos dizer que se é possível [logicamente, potencialmente, ou fisicamente], então é *de fato* possível? Minha resposta para tal questão sobre a possibilidade absoluta é dizer que é a física, pois ela não restringe o que estamos falando sobre algo; por exemplo, quando falamos sobre possibilidades potenciais, as retiramos da cadeia causal onde ela está inserida, e em certa parte também do tempo; e quando falamos de possibilidades lógicas, não atentamos nem para as potencialidades das coisas, nem para o tempo, e nem para a cadeia causal. Mas quando falamos de possibilidades físicas, então atentamos para todos os fatores que determinam a possibilidade de ocorrência de um evento e não restringimos o tempo, a cadeia causal ou outros fatores do nosso raciocínio. Assim, penso que a possibilidade lógica é epistêmica, e as possibilidades potenciais e físicas são metafísicas, mas apenas a física é uma possibilidade absoluta.

**Pedro:** Tudo bem... Concordemos quanto aos termos. Quanto à noção de possibilidade absoluta, posso concordar também que ela é a possibilidade física. O problema começa quando nos perguntamos “qual é a *modalidade* absoluta?”, pois aí procuramos tratar também da necessidade; e quando nos atermos a ela, vemos que a necessidade absoluta é a necessidade lógica e não a física. De modo que se perguntarmos por modalidade absoluta, esta não será nem a física nem a lógica, dado que elas são absolutas somente em num determinado âmbito. Mas não vou me arriscar aqui dizer que a modalidade absoluta é a modalidade potencial, até porque nossa discussão era sobre possibilidades; acho que podemos discutir esse problema em outra ocasião. Agora tenho de ir pensar em como convencer minha amada a passar do seu amor potencialmente possível ao amor fisicamente possível. – Até a vista, meu amigo!

**João:** De fato; tais conversas sobre modalidades absolutas demandarão demais de nosso tempo. Também agora tenho que correr; estou atrasado para o trabalho. Até mais, Pedro. E boa sorte!

Rodrigo Reis Lastra Cid  
Rodrigo Alexandre Figueiredo

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, David. "The Nature of Possibility". *Canadian Journal of Philosophy*: vol. 16, pp. 575-594, 1986.

EDGINGTON, Dorothy. "Two Kinds of Possibilities". *Aristotelian Society Supplementary Volume*: vol. 78, pp. 1-22, 2004.

MURCHO, Desiderio. *Essencialismo Naturalizado: aspectos da metafísica da modalidade*. Coimbra: Angelus Novus, 2002.